

Viagem pelos conceitos: transe em Paris?

Por Adriane Luísa Rodolpho*

O título de minha comunicação pode parecer não estar de acordo com o título desta Mesa Redonda; afinal, em se tratando de Gênero e Possessão, como falar sobre o transe em Paris? Acredito, entretanto, que a pluralidade das experiências levantadas nestes dias de trabalho conjunto – tratando da religião numa era de globalização – demonstra a riqueza hermenêutica de um conceito como este do transe. Se a diversidade de manifestações religiosas brasileiras onde o transe é identificado é grande, pode-se aproximar ainda outra realidade, a francesa, neste panorama complexo e fascinante. Dever de ofício, as análises comparativas são ao mesmo tempo um “vício” e o fundamento mesmo da etnologia.

Obviamente, as comparações têm limites e os contextos devem ser respeitados; entretanto, buscar compreender o fenômeno do transe em uma pluralidade de contextos parece ser um caminho interessante a ser trilhado. Para tanto, uma análise do próprio conceito – através de seus diferentes usos – pode ser de extremo interesse para o refinamento de nossas análises.

* Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS - Paris). Bolsista Pro-Doc/CAPES junto à Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo – NEPP/EST.

Dados sobre Eckankar

Inicialmente gostaria de apresentar-lhes alguns dados sobre o grupo junto ao qual realizei a pesquisa¹. Trata-se do grupo Eckankar, que acompanhei durante alguns meses em seus encontros realizados em Paris. Eckankar possui uma organização hierárquica e está presente em mais de 100 países². De origem norte-americana, Eckankar se constituiu em 1965 em torno de Paul Twitchell, considerado pelos adeptos não apenas como o fundador de uma nova religião, mas como o divulgador de uma antiga doutrina vinda da noite dos tempos³. A sede central, o *Templo Eck*, se localiza em Minneapolis, nos Estados Unidos. É lá que habita Sri Harold Klempt, o atual dirigente espiritual de Eckankar. Sri Harold é considerado como o Mestre Eck Vivo, o *Mahanta*, herdeiro de uma antiga linhagem espiritual e sucessor de Paul Twitchell.

Cada país possui um *Resa* (termo em inglês para «Régional Eck Spiritual Aid»), um dirigente nacional e, no caso, na França existe um casal *Resa*, que mora no sul do país. A França está organizada em várias regiões de Eckankar com seus coordenadores locais: região Oeste, Norte, região Ile de France, Centro, Sudeste e Sudoeste.

A organização de Eckankar se constitui, portanto, em torno da instância central, situada nos EUA, de instâncias nacionais, regionais e locais. A pesquisa centrou-se sobre o grupo Eckankar de Paris/Ile de France. Aliás, a organização é a mesma para todas as regiões, isto é, além da coordenação nacional composta pelo *Resa* e os responsáveis nacionais dos serviços espirituais, administrativos e dos

¹ Pesquisa referente à tese de doutoramento: « *Les Voyageurs de l'Âme. Etude Ethnologique auprès du groupe Eckankar France - Paris* » (Os Viajantes da Alma. Estudo Etnológico junto ao grupo Eckankar França – Paris).

² Informações sobre a organização institucional do grupo podem ser consultadas no site internet do grupo: <http://www.eckankar-français.org>.

³ Twitchell – através de extensa bibliografia – apresenta uma narrativa cosmológica onde a ordem do universo é colocada ao lado de uma antropologia *lato sensu*, ou seja, de uma noção do homem e de seu processo de hominização (de suas origens e de seu destino), assim como de uma teoria soteriológica (onde são estabelecidas as possibilidades de salvação após a morte).

serviços de comunicação, os responsáveis regionais são encarregados destes mesmos serviços.

Somos confrontados a um sistema de valores específico quando falamos de Eckankar. Trata-se de um sistema de representações que porta em si uma visão de mundo particular, e aqui interessa, antes de tudo, perceber como as práticas e as crenças são definidas e vividas pelos eckistas. Segundo os adeptos, Eckankar é uma religião de experiência; os fiéis são confrontados a um quadro novo e diferente das percepções habituais do mundo. Os eckistas realizam a *viagem da alma*, um deslocamento espiritual através dos diferentes planos de existência. Uma cartografia do universo é assim estabelecida, assim como uma representação especial do corpo.

Eckankar é uma religião iniciática, o que significa que o corpus dos conhecimentos específicos da doutrina deve ser apreendido pouco a pouco pelos fiéis, que passam, a partir da iniciação, por várias etapas de desenvolvimento espiritual. O manejo destes conhecimentos passa pelo aprendizado de vários códigos e grades de interpretação colocadas à disposição dos eckistas, e as técnicas corporais desempenham um importante papel nos *exercícios espirituais*. Disto o papel, na doutrina eckista, da interpretação de uma vasta gama de « sintomas » que os fiéis percebem: as cores, os sons, as imagens observadas devem ser explicados pelo *biais* eckista.

As principais práticas eckistas consistem na análise coletiva das *viagens de alma* efetuadas durante os sonhos e as contemplações. Trata-se, portanto, de práticas individuais, subjetivas e interiores. Entretanto, a leitura da significação destas práticas é o fruto de um trabalho de socialização das emoções e de aprendizagem dos conceitos da doutrina eckista. Este trabalho se faz coletivamente, os encontros eckistas servindo a integrar as crenças e as interpretações dos acontecimentos do cotidiano. Além da difusão dos elementos da doutrina, estes testemunhos trocados fornecem, a si mesmo e aos outros, as “provas” da ação do Mestre Eck ou de outros

elementos da doutrina. Se o estudo e a leitura são atividades individuais, a significação destes conceitos é organizada coletivamente, o eixo repousando sobre a oralidade e a partilha de depoimentos.

A ética eckista é individualista, centrada sobre o axioma da existência da alma que conforma a identidade de cada adepto. A existência de noções paralelas e complementares, tais que as vidas passadas e o carma dão a cada eckista uma grade de leitura significativa que lhe permite de ler o mundo (no passado como no presente) e de agir sobre a sociedade no seu cotidiano.

Eckankar se apresentando como a *“religião da Luz e do Som de Deus”*, o adepto aprende a perceber o mundo segundo a grade de leitura de sentidos oferecida: ele aprende a ver o que é visível no imaginário eckista e a escutar os sons, significativos porque determinados por um universo de senso específico.

A cosmologia eckista propõe ao menos doze planos de existência da alma; numa escala de evolução espiritual os cinco primeiros planos são considerados como os mais próximos da matéria; os cinco níveis seguintes iniciam os planos da alma, propriamente dito, os mundos de puro espírito. Aos cinco primeiros planos correspondem, portanto, aos corpos físico, astral, causal, mental e etérico.

Planos Positivos Planos da Realização de Deus	Canto	Plano	Características	Som/Cor
	Hu	Anami Lok	Oceano de Amor e Misericórdia. Além da linguagem humana.	Hu
	Huk	Agam Lok	Plano inacessível. Poucos penetram este mundo.	Instrumentos de Vento
	Aluk	Hukikat Lok	Estado mais elevado ao qual a alma chega geralmente	Mil violões
	Hum	Alaya Lok	Mundo sem fim. A eternidade parece começar e acabar aqui	Ventania
	Shanti	Alakh Lok	Plano invisível. A alma aí encontra paz: não deseja mais retornar	Vento
	Sugmad	Atma Lok	Plano de demarcação. Primeiro reino do Sugmad	Nota de Flauta Amarelo vivo

Planos Negativos Plano da Realização de Si	Baju	Etérico (Intuição)	Última barreira entre os mundos inferiores e o Sat Nam	Zunido de Abelhas Violeta
	Aum	Mental (Intelecto)	Fonte de todos os ensinamentos metafísicos, da estética, das filosofias, das concepções ortodoxas de Deus. Consciência cósmica.	Barulho de Água Corrente Estrela Azul do Mahanta
	Mana	Causal (Memória)	Plano onde são guardados as lembranças, as tramas cármicas e os arquivos akáshicos.	Sonido de Sinos Laranja
	Kala	Astral (Emoções)	Fonte de todos os fenômenos psíquicos: fantasmas, discos voadores, espíritos, percepções extra-sensoriais	Rugido do Mar Rosa
	Alayi	Físico (Sentidos)	Plano em que a alma é presa das cinco paixões: vaidade, cupidez, cólera, apego e concupiscência.	Chuva Forte

Fontes:

* Cartaz 'Les Mondes du Eck'. Eckankar: Minneapolis, 1984.

*'Les Mondes de Dieu et de Eck'. In Twitchell, Paul. *Le Carnet des Notes Spirituels*, Eckankar: Minneapolis 1978.

*'Les Mondes Divins du Eck'. In *Eckankar, une sagesse ancienne pour aujourd'hui*, Eckankar: Minneapolis 1996.

O eckista pode visitar os diferentes planos da alma, ou seja, deixar o plano físico. É a alma que se desloca, o corpo resta imóvel durante este trajeto. A *viagem da alma* pode ser realizada durante o sono, através do sonho, ou ainda, em estado de vigília quando a pessoa faz a *contemplação*. De qualquer modo, são técnicas individuais que a pessoa realiza só. Entretanto, a alma que viaja é sempre acompanhada pelo Mestre Eck (o Mestre dos Sonhos durante o sono ou o Mestre Eck quando acordados: trata-se sempre do Mestre Eck Vivo).

O *Canto do Hu* é fundamental em Eckankar. É a partir deste canto (pronuncia-se "hiou") que a alma realiza as viagens: ela pode assim reunir-se à corrente sonora do Eck e encontrar o Mestre, que a ajudará e guiará durante o percurso entre os diferentes planos. É a palavra principal que liga o fiel a *Corrente Sonora do Eck*. A palavra Hu é cantada coletivamente durante os encontros eckistas, e utilizada

individualmente durante os *exercícios espirituais*. O Hu corresponde ao décimo plano de existência; a cada plano ou esfera corresponde uma palavra e um som característico, que o fiel deve ouvir durante a *viagem da alma*.

O objetivo último da *viagem da alma* é o reencontro com o Sugmad, a divindade. No mito gnóstico de Eckankar, as almas são partes da divindade que, após a queda original, transformaram-se em pequenas centelhas divinas; neste sentido, seu destino é o reencontro final com o Sugmad. Para tanto, é necessário antes cumprir a etapa de ascensão, e a vida é assim concebida como uma experiência de aprendizagem e conhecimento de si. Ao eckista é prometida a liberação da lei do carma, através do desenvolvimento espiritual.

Aliás, o verdadeiro mundo para o eckista é aquele dos planos da alma, superiores aos planos representados pela razão, a matéria e as opções espirituais existentes: o mundo aqui de baixo é uma escola, uma etapa necessária na evolução espiritual do adepto, e outras etapas seguirão no futuro. O verdadeiro mundo para o eckista, portanto, não é aqui, ele se encontra em outro lugar. Este é o mundo divino onde a alma se encontrava antes do nascimento, e em direção à qual ela retornará após a morte: são os planos invisíveis e superiores. A identidade da alma assim encontrada/definida é o fundamento da identidade eckista. O conhecimento desta realidade metafísica confere ao eckista a possibilidade de superar as limitações impostas aos seres humanos, quais sejam as concernentes ao nascimento e à morte. Graça às respostas que Eckankar propõe às questões fundamentais da existência, o eckista pode realizar as viagens da alma, verdadeiras experiências controladas de deslocamento da alma. A alma da pessoa que conheceu Eckankar e se desenvolveu espiritualmente não reencarna mais; portanto, de certa maneira, ele não morre jamais: seu destino é o de se transformar num « trabalhador associado a Deus » e de efetuar o trabalho de co-criação do universo.

A pessoa eckista participa de um mundo globalizado⁴, onde os pertencimentos étnicos ou nacionais contam menos que aqueles que identificam a comunidade que formam as almas que já conheceram as verdades espirituais. O trânsito e o fluxo são característicos deste pertencimento religioso dinâmico, onde a mobilidade se exprime através das representações do corpo e da alma: uma cartografia espiritual se desenha assim, um espaço de deslocamento que só os eckistas conhecem e tem o direito de percorrer.

Viagem pelos conceitos

(aqui vou adicionar mais sobre histórico dos conceitos)

Ora, afinal do que se trata antropologicamente, esta *viagem da alma* a qual os eckistas se referem? Uma rápida retomada dos conceitos nos é oferecida por alguns autores, como Lapassade⁵ e Terrin (1998). Segundo estes, a maioria dos autores – tal como os clássicos Eliade e Lewis - não diferencia claramente os conceitos de transe e êxtase, utilizando-os geralmente como intercambiáveis. Rouget⁶ (1980) propõe uma distinção a partir da fenomenologia descritiva. Neste sentido, o êxtase estaria relacionado a algumas características tais como: privação sensorial, silêncio, solidão e imobilidade (o personagem chave, aqui, é o místico) enquanto ao transe corresponderiam a superestimulação, o barulho, o movimento e sociedade dos homens (personagens correspondentes: o xamã e o possuído).

Esta classificação tem o objetivo de esclarecer as diferenças existentes entre ambas as formas, mas não omite o aspecto de que transe, êxtase e possessão são

⁴ Ver Mary, André. « L'anthropologie au risque des religions mondiales » In *Anthropologie et sociétés*, vol. 24, n° 1, 2000, 117-135 ; Appadurai, Arjun. *Après le colonialisme. Les conséquences culturelles de la globalisation*, Paris, Payot, 2001 e Bastian, J. P., Champion, F. et Rousselet, K. (sous la direction de) *La globalisation du religieux*. Paris, l'Harmattan, 2001.

⁵ Lapassade, Georges. *La Transe*. Collection Que sais-je? Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

⁶ Rouget, Gilbert. *La Musique et la Transe*. Paris: Gallimard, 1980.

intercambiáveis e frequentemente se justapõem. Assim, a possessão é um elemento específico de alguns tipos de transe e, seguindo ainda Terrin, pode haver “*transe e possessão; transe sem possessão e possessão sem transe*”. No êxtase, a possessão estaria relacionada a uma comunhão entre o fiel e a divindade: assim seria o caso para o misticismo soufi e cristão onde o fiel “sente” a presença de Deus, mas não se confunde com ele (“Alá está em mim”, para os derviches). No transe, a possessão corresponde à invasão de um deus ou espírito: o fiel é tomado e ocorre uma mudança visível de comportamento do médium.

Gibbal (1988) propõe que o êxtase seja entendido como uma categoria do transe; o transe teria assim a possibilidade de ser compreendido a partir de suas características estáticas ou paroxísticas. O exemplo escolhido por Lapassade para ilustrar o transe estático descrito por Gibbal é o dos visionários de Medjugore: os jovens a quem a Virgem aparece apresentam os mesmos estados de privação sensorial e sinais de experiência interior intensa.

A indução do transe extático pode ser realizada utilizando-se de técnicas de concentração, da repetição de fórmulas ou mantras, de técnicas posturais e respiratórias e de técnicas associativas, segundo Scharfstein (1973). Este autor ainda relaciona as danças estáticas e a utilização de drogas como indutores do transe estático.

Retomando os dados etnográficos, num primeiro momento, a experiência da *contemplação*, voluntária e induzida, lembra-nos o assim chamado transe extático. Este se caracteriza, entre os eckistas, pela concentração e a repetição da palavra *Hu*, o que nos remete diretamente as técnicas posturais e de respiração. As técnicas associativas aqui se referem ao arsenal mítico proposto por Eckankar: o fiel vê o que há para ser visto no universo eckista, e escuta aquilo que é considerado audível neste mesmo referencial.

A experiência da *viagem da alma* durante o sonho é outra prática eckista, entendida pelos mesmos como guiada pelo *Mestre dos Sonhos*. A contemplação, via *Canto do Hu* e o sonho, são, portanto, as duas formas principais de transe que os eckistas realizam. Mas como pode ser entendida a experiência onírica? Aqui podemos aproximar as contribuições da assim chamada “*anthropologie du rêve*” (antropologia do sonho), desenvolvida por autores como Perrin (1992), Tedlock (1987) e Caillois e Grunebaum (1967). Retenhamos a seguinte citação:

[...] Rêve et mythe à la fois s’opposent et son complémentaires un de l’autre. Rêver un mythe, c’est le mettre en acte, le transformer en expérience et éprouver la vérité; mais, nécessairement significatif puisqu’il est supposé émaner d’un monde autre, um rêve peut, em retour, contribuer à l’enrichissement d’un mythe [...]. (Perrin, in Bonte-Izard. *Dictionnaire de l’ethnologie et de l’anthropologie*. Quadrige/PUF, 1991).

Sonho e mito, ao mesmo tempo em que se opõem um ao outro, são complementares. “Sonhar um mito, é colocá-lo em ação, transformá-lo em experiência e sentir sua verdade; ainda, necessariamente significativo, pois que suposto emanar do outro mundo, um sonho pode, em retorno, contribuir ao enriquecimento de um mito”.

Como os dados etnográficos demonstram, durante os testemunhos dos eckistas podemos observar que a interpretação seja do sonho ou do mito se complementam, à luz do compartilhar e da construção coletiva de sentido. Os sintomas percebidos individualmente são lidos e trabalhados conjuntamente, num trabalho de bricolage, próprio do pensamento mítico. Lembremos que a primeira iniciação eckista se dá no sonho, um rito de passagem onde o fiel é acompanhado pelo *Mestre Eck*. A elaboração cultural do estado onírico é igualmente estimulada por outras práticas eckistas: os *exercícios espirituais* cotidianos têm por objetivo aguçar os sentidos aos estímulos prescritos pela cosmologia eckista, segundo a qual os diferentes planos da consciência têm suas características detalhadas (cores, sons, paisagens, personagens).